

O SONHO E O MEDO NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS EDUCANDOS E EDUCADORES.

Denise Dorneles Silva (UFSM)

João Pedro Alcântara Gil

O presente trabalho vem sendo construído e reconstruído na Escola de Ensino Fundamental Valentim Bastianello, e tem como eixo norteador a interdisciplinaridade e a contextualidade dos conhecimentos, que neste caso mais especificamente, envolve conhecimentos históricos expressados através de imagens cênicas, a peculiaridade desta escola, porém, é que ela se situa no meio rural e funciona em turnos integrais, onde um dia na semana dois períodos são dedicados aos projetos, entre os quais está o projeto teatro. Fazem parte do grupo 35 alunos de primeira a oitava séries.

A impossibilidade de pensar e viver em sociedades estáticas necrosadas pelo tempo histórico e cronológico, impele mulheres e homens (ou alguns) para a busca de possibilidades, novos olhares e a compreensão das mudanças, no que tange a construção de novos conhecimentos e novos valores que se impõe muitas vezes de forma quase imperceptível na vida e no trabalho cotidiano das mulheres, crianças e homens, isso exige espíritos mais reflexivos, críticos e observadores, porém para observar é necessário estar “in locus”, pois se por um lado as transformações políticas, econômicas sociais, culturais e tecnológicas avançam para processos históricos globais por outro essas vem acontecendo em determinados contextos sócio históricos culturais.

Essas mudanças estão influenciando o campo das subjetividades humanas, as relações mais pessoais e sociais exigindo novas concepções no saber, sentir e agir, porém os conhecimentos trabalhados nas escolas não estão dando conta de inserir os sujeitos nessas novas concepções, pois a separação entre os conhecimentos

não permite ao alunos se perceberem como um todo no processo do aprender do sentir e do fazer.

Os homens vem através da história construindo conhecimentos que lhes permite interferir de modo mais eficaz na natureza e conseqüentemente no trabalho que aliado ao conhecimento e ao “progresso do pensamento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores. (ADORNO,1985, P.19).

Partindo do principio que em um momento da história “in locus” alguém se intitulou senhor para que outros, se fizessem escravos, servos trabalhadores, expropriados do seu conhecimento, dos seus sonhos e desejos, o trabalho passou a ser , então, valorizado por aqueles que se apropriaram do “capital humano” logo da materialidade e da subjetividade dos sujeitos.

A expropriação no fazer e no conhecer se direcionou para as idéias, logo o que não era passou a ser verdade e o que era passou a ser o não desejado, por isso trabalhar com a possibilidade da construção de um pensamento autônomo é de extrema relevância pois, “... o pensador individual deve arriscá-lo, não deve trocar nem comprar nada do que não tenha visto; este é o núcleo da experiência da doutrina da autonomia. Sem risco, sem a possibilidade presente do erro, não há objetivamente qualquer verdade”. (ADORNO, 1995, p.21)

Por isso se a escola assume características de “direção ideológica da sociedade civil” por outro ela também pode vir a ser um espaço onde as brechas subitamente se abrem nas paredes dos espaços físicos e psicológicos, onde desconstruir a positividade do discurso pré estabelecido exige um novo olhar sobre a questão da negatividade, sabendo, no entanto, que é no fazer pedagógico que esses elementos colocados como negativos se redimensionam no sentido de um trabalho criativo emancipador.

A emancipação social neste novo processo sócio histórico cultural, passa por tomadas de decisões as quais se expressam na

vida cotidiana, porém, tomar decisões, implica em um movimento interno subjetivo, onde o querer fazer precisa estar aliado ao poder fazer, todavia se a falta material restringe o querer essa, porém não o determina, pois no querer habita o desejo daquilo que pode vir a ser e neste caso mais especificamente a escola passa, então, a ser um espaço de possibilidades...

Porém saber quais são estas possibilidades, passa a ser um primeiro momento do processo de construir conhecimentos, mas o que realmente valida essas possibilidades é o ato o efeito de concretizar, é o ato do fazer, por isso a arte na escola e neste caso mais especificamente no que se refere ao teatro exige um pensar e um fazer, onde associado a este pensar e este fazer está o sentir.

Por isso primar por um fazer pedagógico onde os alunos possam refletir criticamente as condições sócio histórica que eles estão inseridos e viabilizar mudanças nos seus processos de construção social, cultural psicológicas e políticas passa a ser um dos objetivos a ser alcançado no processo de construção pedagógica, mas para que isto aconteça é necessário que os espaços, para essas construções, sejam mais democráticos.

Todavia construir espaços democráticos, não é uma atitude que cabe apenas ao professor, a construção desses espaços deve acontecer juntamente com alunos, por isso a necessidade de uma conceituação e uma ressignificação de algumas categorias que perpassam pelas práticas pedagógicas formais e que estão intrínsecas as nossas práticas são elas: o silêncio, medo, autonomia e o diálogo. Como expressar esses elementos, senão pelo ato do fazer, logo a expressão cênica é uma possibilidade para redimensionar, por exemplo, um conhecimento histórico, este é vivido expressado e passa a configurar novas concepções, pois se “a palavra preenche a vida e não podemos imaginar uma vida pessoal fora de uma vida social”. (FAZENDA, 1995, p.19).

Compreender e contextualizar historicamente as palavras nas suas ínfimas expressões exige um novo olhar um novo conhecer um novo sentir sobre o conhecimento trabalhado logo um olhar crítico.

Partir de um olhar crítico implica na desconstrução de verdades estabelecidas culturalmente e para que haja essa desconstrução das falas e dos discursos é necessário o diálogo como um elemento de possibilidades, porém se o diálogo é o primeiro momento do conhecer ou reconhecer o outro é no silêncio que devemos buscar a possibilidade da criação da construção do diálogo.

A primeira categoria que definimos como “silêncio disciplinador” foi tomada como referencial para nossas investigações, por isso caracterizar e situar a sala de aula como um espaço dialético é pertinente para demonstrarmos que os mecanismos de reprodução nunca são totalmente eficientes e completos e que estão cerceados por elementos de oposição.

Por isso trabalhar com a possibilidade da pergunta dá dúvida é um caminho para o início de uma participação, onde o silêncio como elemento instituído é desmistificado, questionado para expressar-se na palavra, pois “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão”(FREIRE, 1987, p.78).

Respeitar a palavra do outro do aluno, é saber que ela vem carregada de significações de sentido de vida de história, pessoal, social, cultural e aquilo que podemos achar uma mera tolice traz em si a ousadia de quem acabou de significar a sua vida cotidiana, pois “Sem risco, sem a possibilidade presente de erro, não há objetivamente qualquer verdade. As maiores tolices do pensar se formam ali onde tal coragem, que é imanente ao pensar e que este suscita incessantemente, é oprimida” (ADORNO, 1995, p.22).

A Segunda categoria aparece como um elemento de avanço dentro do processo ensino aprendizagem, o qual denominamos de “diálogo produtivo”, e é o momento que a dúvida se transforma na pergunta avançando para o diálogo, pois “a existência , porque humana, não pode ser muda silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se

de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente é pronunciar o mundo é modificá-lo”(FREIRE, 1997, p.78).

Se por um lado é relevante desmistificar o silêncio disciplinar, buscando uma maior interação entre os sujeitos do processo, para avançar em práticas mais democráticas, por outro a exigência de um questionamento nas relações de poder que perpassam no processo ensino aprendizagem, é uma forma de clarificarmos, o porquê do silêncio instituído no espaço escolar, pois primar pelo silêncio não só uma forma de disciplinar os corpos, mas as mentes, todavia, percebe-se que os processos de indisciplina geram processos criativos, logo buscar na oposição a possibilidade da transformação configura-se na busca do que não é mas pode vir a ser algo positivo.

A hominização social através do trabalho – educação – teatro viabiliza processos de construção de sujeitos ominilaterais, pois os educandos significam suas ações de forma mais consciente e crítica passando de reprodutores de conhecimentos a produtores de idéias, pois o educando que não duvida, pergunta interioriza modelos externando nas suas práticas pessoais e sociais a reprodução de modelos submissos, acríticos, inviabilizando assim a capacidade de se auto gerir como sujeito do processo histórico.

Se auto gerir-se exige atitudes autônomas é pertinente elucidar alguns elementos que condicionam o processo de uma construção autônoma, mas que não determinam ou inviabilizam este processo, por exemplo, o medo, o qual se caracteriza como um fator interno subjetivo, e que se expressa nas ações mais cotidianas dos sujeitos.

A construção de espaços mais democráticos exige atitudes autônomas, pois: “se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da autonomia ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento a responsabilidade da minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos; não menos atento devo estar com relação a que

meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e a espera da superação”(FREIRE, 1997, p.78).

No depoimento de alguns alunos fica explícito o medo, mas que o desejo de vencê-lo e enfrentá-lo são mais forte “professora estou com minhas mãos geladas e meu estômago dói, mas vou fazer porque sei que a senhora também esta com medo”, “...não posso ensinar o que não sei. Mas ,este, repito, não é saber de que apenas devo falar e falar com palavras que o vento leva. É saber, que devo, viver concretamente com os educandos (FREIRE,1997, p.107). “professora estou com medo nunca falei em público”, todavia diante da possibilidade de outra pessoa assumir o lugar e fazer por ela a menina disse “estou com medo mas vou fazer”. Medo e desejo passam , então a serem elementos relevantes para a construção da autonomia, pois: “... quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a por seu sonho em prática” (FREIRE, 1997, p.71).

Por isso trabalhar com a possibilidade da superação do medo, sabendo que este é um processo inacabado, dentro da instituição escolar, onde a partir dessa superação os sujeitos possam se construir com mais autonomia requer generosidade, onde perceber o medo do outro, implica que o educador possa se reconhecer com e nesse medo, mas sujeito, também , a superação, na medida que o sonho é maior que o medo,

Sabendo que o medo é um fator subjetivo que perpassa pelas estruturas mentais, mas que é devido a este que os homens na história, buscam construir seus conhecimentos para melhor se adaptarem ao meio em que vivem, efetivando assim seus sonhos e desejos caracterizo o medo como um elemento de positividade na construção da autonomia dos sujeitos históricos.

Trabalhar com outras possibilidades de expressão, sabendo que estas podem ser, também uma representação do real, mas que trazem em si uma conotação diferenciada, implica buscar no

movimento, na ação a possibilidade de construir novas atitudes, novos comportamentos críticos diante de um trabalho que muitas vezes trazem em si elementos de alienação social.

O sistema capitalista traz no seu bojo a exclusão a não partilha, logo buscar na arte uma possibilidade de recriar essa realidade de uma forma mais crítica, ética e estética é viabilizar novos caminhos e formar novas identidades sociais, pois “A necessária promoção da ingenuidade a criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética sempre ao lado da estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 1997, p.37).

Pois na relação estética o sujeito entra em contato com o objeto mediante a totalidade de sua dimensão humana, não apenas no aspecto da sensibilidade, mas nas suas ideologias, afetividades inserido em uma realidade concreta.

Por isso redimensionar através da ação teatral uma nova postura corporal é possibilitar aos educandos desenvolverem um trabalho onde mobilizar o corpo não significa apenas integrá-los as idéias e sentimentos, mas também propiciar a aquisição de uma expressão dramática para a captação do processo expressivo como um todo.

O movimento não se configura apenas na expressão gestual, mas no movimento interno das idéias, podemos perceber, então, que os sentimentos e as representações estéticas são resultado da evolução histórico-sócio-cultural da humanidade e que as representações pré-artísticas nascem associadas ao trabalho produtivo social.

Porém se as mudanças no mundo do trabalho são visíveis e exigem novas formas de pensar, ver, sentir e fazer, percebe-se que todas essas mudanças e exigências ainda configuram-se para as necessidades do mercado e não para uma transformação integral dos sujeitos envolvidos no processo educacional, por isso viabilizar a construção de práticas pedagógicas diferenciadas é uma forma de orientar possíveis caminhos para educação.

RESUMO

O presente trabalho vem sendo construído e reconstruído na Escola de Ensino Fundamental Valentin Bastianello, situada no Município de Dilermando de Aguiar, e tem como eixo norteador à interdisciplinaridade e a contextualidade. Fazem parte do grupo de

teatro 35 alunos de primeira a oitava séries. Os objetivos desse trabalho é viabilizar a construção de espaços mais democráticos, onde os conhecimentos trabalhados e expressados através das imagens cênicas possam serem reflexionados e ressignificados de uma forma mais crítica. A metodologia que vem sendo empregada é reflexão-ação-reflexão, as peças são construídas junto com os alunos, sendo um primeiro momento para discussão do tema e a construção das peças e posteriormente a encenação, após a reavaliação do trabalho expressado.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, Theodor W. **Palavras e Sinais**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1995.

ARANTES, Ivani. **Fazenda Interdisciplinaridade: História, Teoria, Pesquisa**. Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

___ & SHOR, Ira. **Medo e Ousadia. Cotidiano do Professor**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

___ . **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento - fragmentos filosóficos**.